

Matus C. *Teoria do jogo social*. São Paulo: Fundap; 2005. 524 p.

Juliano de Carvalho Lima
Fundação Oswaldo Cruz

Matus é um autor preocupado com o homem de ação e, particularmente, com o homem em situação de governo. Toda a sua extensa produção teórica é marcada por esta questão central: como apoiar o homem de ação a ampliar a sua capacidade de intervenção em uma realidade na qual a produção social se dá a partir de jogos interativos indeterminados de alta complexidade?

Esta é também a marca da teoria do jogo social, na qual o autor persegue o propósito de construir uma teoria social capaz de embasar as ciências e as técnicas de governo. Aparentemente, é como se o processo se tivesse dado em ordem inversa, uma vez que toda a sua obra anterior trata justamente da capacidade de governar e principalmente do planejamento. No entanto, trata-se de um processo dialético de retroalimentação contínua entre reflexões sobre ciência e técnica de governo e reflexões sobre uma teoria da ação social.

O livro está organizado em três partes: As ciências, O jogo social e Governo. Na primeira parte, em seis capítulos, Matus problematiza as ciências e sua adequação para a compreensão e atuação em uma realidade complexa que não existe independentemente do sujeito. A segunda parte traz os principais elementos da teoria matusiana, na qual explora a teoria da produção social, os jogos do poder e os tipos de interação que se estabelecem entre atores (cooperação e conflito). Por fim são discutidos aspectos relativos ao “macrogoverno” e à gestão pública.

Na teoria do jogo social, Matus abre várias frentes de exploração, que vão da psiconeurobiologia à arte da guerra, dialoga com inúmeras correntes de pensamento, da fenomenologia ao marxismo, e debate com uma infinidade de pensadores, de Gramsci a Heidegger, passando por Weber, Habermas, Austin, Searle, Toulmin e Wittgenstein, Hannah Arendt, Gadamer, Popper e tantos outros. A partir desta diversidade de referências, Matus consolida uma teoria da produção social alicerçada em uma potente teoria da ação humana e na teoria das situações.

O ponto de partida de Matus é a identificação de um divórcio entre política e ciências, entre teoria e prática, entre capacidade de governo e complexidade dos processos sociais. Trata-se da incapacidade de as ciências departamentais apoiarem o homem de ação inserido em uma realidade concreta. Este homem deve atuar em uma realidade que não reconhece os departamentos e disciplinas criados pelas universidades, uma realidade que tampouco segue

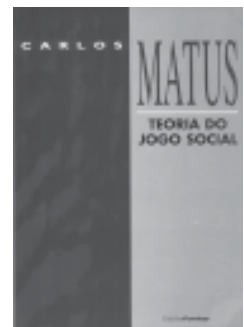
as leis da teoria social tradicional, caudatária das ciências naturais, que observam o objeto estudado desde fora, de modo objetivo e (aparentemente) independente. Este tipo de explicação não reconhece a essência do jogo social, em que se insere o homem de ação, qual seja a complexidade objetiva e subjetiva da interação humana.

Por isso, o autor busca, a partir de uma teoria da produção social, construir uma ponte entre ciências e ação prática no âmbito público. Nesta perspectiva, quatro mudanças cognitivas se fazem necessárias: primeiramente, sair da cabeça do cientista e entrar na cabeça do ator social, colocar-se dentro do jogo e assumir uma perspectiva situacional; em segundo lugar, sair do corte departamental-vertical que orienta a ciência tradicional e entrar na unidade horizontal do processo social, em que a saúde pública, por exemplo, é a um só tempo um problema econômico, político, histórico; em terceiro lugar, teorizar sobre a própria prática a partir de uma teoria da ação social e, por fim, tornar explícita a subjetividade do processo social, abandonando a perspectiva de que rigoroso é igual a objetivo.

A partir destas mudanças, Matus evolui para uma concepção “indeterminística” do jogo social. Incerteza, criatividade, ator social, cálculo interativo e situação são os conceitos-chave para compreender este jogo de final aberto.

Segundo Matus, no jogo social, não é possível prever o futuro, não existem relações lineares em que uma causa leva a uma consequência. Todos os jogadores têm limitações de informação e de recursos para pretender ganhar o jogo. Predomina a incerteza, cuja fonte nasce da combinação de duas variáveis: (1) dificuldade para enumerar possibilidades e (2) dificuldade para enumerar probabilidades. Do cruzamento entre possibilidades bem definidas e mal definidas e probabilidades conhecidas e não conhecidas surgem situações que vão do universo bem definido à incerteza dura, esta última representativa dos sistemas reais vivenciados na prática social, na qual não é possível enumerar todas as possibilidades futuras e é impossível atribuir probabilidades objetivas. Daí o célebre alerta aos planejadores: o ator pode escolher o seu plano, mas não pode escolher as circunstâncias em que tem que realizá-lo.

A fonte da indeterminação do jogo social é a criatividade humana, pois o homem não apenas busca descobrir possibilidades, ele cria possibilidades com ação e com pensamento. Mediante recursos pessoais (personalidade, valores, capacidades cognitivas, motivações), condicionados pelo grau de controle sobre os recursos necessários à ação, o homem constitui-se em ator social, pois se



torna não apenas um produto da realidade, mas um construtor desta mesma realidade.

Um dos aspectos mais relevantes é o resgate feito por Matus da pessoa enquanto produtora do sistema social, denunciando a amputação feita por uma perspectiva determinista, que suplanta o caráter intersubjetivo da prática social. ***Na pessoa reúnem-se necessidades e atributos únicos, que não podem ter nem as organizações, nem os agentes, nem os indivíduos. A pessoa tem a ver com a liberdade, a justiça, a igualdade, a solidariedade, a fraternidade, a dignidade, os afetos, as emoções, o sentido estético e moral*** (p. 367).

Criatividade e incerteza, esta é à base de cálculo da vida quotidiana. É a característica básica da interação humana. Por isso, Matus atribui especial atenção a esta característica do jogo social. Tudo o que existe socialmente é produto da interação entre eu e o outro. A ação de um é condicionada pela ação do outro. O sucesso da minha ação depende da ação (ou da não ação) do outro.

A realidade social é construída a partir das relações de conflito e cooperação entre atores que explicam a realidade de maneira distinta, pois os atores encontram-se em distintas situações. A teoria das situações construída por Matus é de grande relevância na compreensão da prática social e para a construção das ciências e métodos de governo. Matus apoia-se em autores como Gadamer, Heidegger, Sartre e Ortega y Gasset para construir uma categoria totalizante, com poder de integrar a explicação e o cálculo do político e do técnico, pois contempla a explicação da realidade por um ator situado dentro dela, que a explica desde dentro e não de fora.

A teoria da ação social matusiana é fortemente marcada por uma situação de conflito extremo, quando da derrota de uma proposta democrática de socialismo (Allende) pelas forças conservadoras do Chile. Por isso, estratégia é, para Matus, o modo de lidar com os outros jogadores em situações de objetivos e interesses divergentes e com as circunstâncias conflitantes que cercam o jogo social. Mas, apesar desta forte marca de sua trajetória, sua teoria da ação abre-se também para a ação cooperativa e para o acordo consensual, a partir de uma clara influência de Habermas. Matus propõe uma referência normativa para a análise do jogo social, que permitiria a ação humana sem barreiras e com igualdade de oportunidade para todos os jogadores. Entre os princípios deste jogo social equitativo estão a democracia política, a liberdade, o respeito às diferenças de personalidade, a igualdade de oportunidades, a transparência comunicacional e a validação por consenso dos valores, princípios que segundo o próprio Matus as regras do jogo neoliberal desvirtu-

am ao impor a eficiência e eficácia econômicas como critérios superiores, arrasando os valores éticos e destruindo a solidariedade.

a teoria do jogo social de Matus compreende a realidade em distintos planos: (1) regras que distribuem desigualmente o poder e diferenciam as capacidades de produzir fatos no jogo, (2) capacidades acumuladas, que representam capacidades de produzir fatos políticos, econômicos, organizativos, cognitivos e comunicacionais e (3) fluxos de produção, ou seja, fatos concretos gerados no cotidiano do jogo social. Há uma grande contribuição à prática social nesta concepção. Ela permite um enfrentamento da realidade sem os riscos do imobilismo ou da aventura, uma vez que os atores sociais podem produzir mudanças nos fluxos de produção, que ampliam suas capacidades de produzir fatos, e estas podem, por sua vez, abrir caminho para alterar as regras do jogo. Para o ator implicado com a mudança em uma realidade adversa, significa o seguinte: toda mudança que é impossível hoje poderá ser realizada amanhã se fizermos hoje aquilo que já é possível.

Enfim, a teoria do jogo social trata da produção social como resultante das relações políticas e estratégicas entre atores. Esta produção é indeterminada, pois onde há possibilidade de criação do futuro a partir da ação criativa no presente não pode haver determinação.

A contribuição desta obra para o planejamento e para a gestão em saúde é de valor inestimável. Cabe lembrar que o Planejamento Estratégico Situacional foi uma das fontes de críticas aos modelos determinísticos de planejamento em saúde, difundidos pelo CENDES/OPAS nas décadas de setenta e oitenta. Para compreender o fundamental do PES, enfoque de planejamento que alcançou grande amplitude no campo da saúde pública, tanto em termos teóricos quanto metodológico-práticos, a teoria do jogo social é leitura obrigatória, pois demonstra, com riqueza conceitual e rigor metodológico, que o planejamento não se dá sobre uma realidade conhecida objetivamente, mas sim no jogo da produção social, compreendido enquanto um jogo não determinístico.

Só assim o planejamento em saúde pode lograr êxito, recusando-se a amputar a realidade em seus traços mais destacados, quais sejam a criatividade e a subjetividade dos atores sociais, a coexistência de atores com visões e objetivos diferentes, que agem a partir de pontos de inserção social muito distintos no processo de produção social. São os métodos de planejamento que devem ajustar-se à realidade tal como ela é, e não o contrário.